



McDOWELL, DAVIDSON E O PAPEL DA EXPERIÊNCIA SENSORIAL NO PENSAMENTO

César Fernando Meurer

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – RS
cfmeurer@yahoo.com.br

Cíntia Roso Oliveira

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – RS
cinthiarsm@gmail.com

Resumo: O artigo apresenta uma interpretação pragmatista da argumentação de dois renomados pensadores, John McDowell e Donald Davidson, acerca da relação entre a mente humana e o mundo. Segundo essa interpretação, ambos trabalham no sentido de dissolver dualismos e defender um realismo do cotidiano. A divergência básica é relativa ao papel epistemológico das experiências sensoriais: se elas cumprem (McDowell) ou não (Davidson) esse papel de justificar crenças.

Palavras-chave: Mente; Mundo; Dados sensoriais; Empirismo.

McDOWELL, DAVIDSON AND THE ROLE OF SENSORIAL EXPERIENCE IN THOUGHT

Abstract: *The article presents a pragmatic interpretation of the arguments of two renowned thinkers, John McDowell and Donald Davidson, about the relationship between the human mind and the world. According to this interpretation, both thinkers work to dissolve dualisms and to defend everyday realism. The basic disagreement is on the epistemological role of sensorial experiences: whether they fulfill (McDowell) or not (Davidson) this role of belief justifiers.*

Keywords: *Mind. World. Sensorial Data. Empiricism.*

* * *

Introdução

A relação entre a mente humana e o resto da natureza é um tema de grande importância para estudiosos de diversas áreas. Na filosofia das últimas décadas, é um "tema quente", carregado de controvérsias de teor ontológico e epistemológico. Em meio a tantas propostas, é difícil apontar um paradigma dominante.

John McDowell e Donald Davidson, destacados pensadores do nosso tempo, tomam o assunto como objeto de reflexão e apresentam, cada um, uma proposta de "colocar as coisas em pratos limpos". McDowell, com seu estilo meticuloso, serve-se da metáfora da angústia para falar das confusões filosóficas envolvidas na relação mente-mundo. Trata-se, veremos, de diagnosticar filosoficamente a origem dessa angústia e apontar os caminhos da cura. Davidson, por sua vez, prefere falar em mitos e dogmas. Sob esse ângulo, trata-se de identificar os mitos e os dogmas que estão nas raízes dos equívocos e, claro, apontar elementos de uma compreensão menos dogmática.

Temos, portanto, um tema – a relação mente e mundo – e duas propostas. Não são propostas opostas. Pelo contrário, compartilham um grande número de premissas. Ao invés de inventariar o que está no terreno comum, vamos destacar aquela que consideramos ser a divergência básica: o papel da experiência sensorial no pensamento.

McDowell concede às experiências sensoriais um papel epistemológico: elas não apenas causam crenças sobre o mundo, mas também funcionam como instância de justificação dessas crenças. Davidson, por outro lado, concede tão somente um papel causal às entradas sensoriais: elas causam crenças, mas não podemos contar com elas para a justificação de crenças.

Pensamos que essa divergência é melhor compreendida perante um pano de fundo de teor pragmatista. Por isso, vamos primeiro apresentar um conjunto de observações metafísicas. Em seguida reconstruiremos a linha de argumentação de cada um dos autores em comentário. Depois, na última parte, direcionaremos o foco para o papel das experiências sensoriais, tratando de precisar o teor epistemológico da mencionada divergência.

1 Um horizonte metafísico

Chamamos 'metafísicas' as considerações sobre a natureza, os alcances e a função da tarefa filosófica. Quanto a isso, McDowell e Davidson estão amplamente de acordo: ambos preferem uma reflexão antes terapêutica do que construtiva, embora não se furtem de apresentar os elementos que julgam essenciais para a reconstrução. Esse horizonte é genuinamente pragmatista sob dois aspectos importantes: a postura antidualista e a defesa de um realismo cotidiano.

A mais americana das tradições filosóficas – aquela iniciada por Peirce, James e Dewey – é, sem exageros, um movimento especializado em desbancar dualismos (estes entendidos como oposições exaustivas¹ tais como mente-mundo, fatos/valores, analítico/sintético, esquema/conteúdo, subjetivo/objetivo e outras). Genericamente falando, desbancar um dualismo consiste em mostrar que, ao contrário do que se supunha, a oposição não é exaustiva.

Em segundo lugar, a tradição pragmatista frequentemente insiste que a filosofia deve começar do lugar onde nos encontramos como seres humanos, com nossas crenças, desejos e práticas; que filosofar é tentar dar sentido para nós

¹Em geral, 'dualismo' designa uma oposição exaustiva: o entendimento de que há dois tipos fundamentais de coisas ou categorias de coisas ou princípios. Contrasta com 'monismo' e 'pluralismo' (cf. ROBINSON, 2012).

mesmos e para o nosso mundo. Nas palavras pioneiras de Peirce, "não devemos começar falando de ideias puras – pensamentos errantes que perambulam pelas vias públicas sem qualquer habitação humana –, mas devemos começar com os homens e sua conversação" (PEIRCE, 1931, CP 8, § 112 – tradução livre).

Ora, o que é essa "conversação" senão "o espaço lógico das razões" ou a "triangulação"? Na conversação dos homens (Peirce), no espaço lógico das razões (McDowell) e na triangulação (Davidson) vigora o que conhecemos como 'realismo do cotidiano'. Para a tradição filosófica em glosa, esse realismo é ponto de partida e ponto de chegada. À partida, talvez eivado de ideias obscuras (Peirce), angústias (McDowell), dogmas e mitos (Davidson). O que se busca por meio da reflexão filosófica é um realismo claro, sem angústias, sem dogmas. Isso se consegue abandonando dualismos, dentre outras coisas.

É um tanto controverso sugerir que McDowell e Davidson são pragmatistas. No entanto, essa afirmação encontra apoio em reconhecidos intérpretes. Bernstein, por exemplo, identifica uma linha mestra que vai de McDowell a Sellars e deste até Peirce. "Os temas pragmáticos que eu encontro na obra de McDowell são devido à sua apropriação da crítica do mito do dado de Sellars. McDowell é um bom exemplo de filósofo que, seguindo sua própria linha independente de investigação, desenvolveu uma orientação que ecoa (e reforça) temas pragmáticos" (BERNSTEIN, 2006, p. 09 – tradução livre). A respeito da ligação de Sellars com Peirce, Bernstein diz "eu não acho que há um argumento apresentado por Sellars que não tenha sido antecipado por Peirce" (2006, p. 05 – tradução livre). Rorty, para mencionar outro intérprete dessa rica tradição, identifica uma linha mestra que vai de Davidson a Quine e deste até Dewey. "As relações estreitas da obra de Davidson com a de Quine, e a de Quine com a de Dewey, fazem com que seja tentador ver Davidson como pertencendo à tradição pragmatista americana" (RORTY, 1991, p. 126 – tradução livre). Já para Misak, conceituada intérprete do pragmatismo, Davidson reedita a posição de Peirce em relação à verdade, uma abordagem "que não define a verdade, mas, em vez disso, obtém uma solução vendo como esse conceito está relacionado às nossas práticas de crença, investigação e ação" (MISAK, 2012, p. 276 – tradução livre).

A nosso ver, o modo como McDowell e Davidson tematizam a relação mente e mundo é pragmatista: procuram eliminar dualismos e reforçar um realismo do cotidiano. Esse é o pano de fundo que queremos levar em conta nas próximas sessões. Vamos apresentar algumas facetas da posição de cada autor e, em seguida, destacar aquela que consideramos ser a divergência básica, já anunciada nos parágrafos introdutórios: o papel da experiência sensorial no pensamento.

2 McDowell: um realismo sem angústias

O realismo cotidiano sem angústias que McDowell tem em vista é um realismo *do sujeito*. Ou melhor: *basicamente do sujeito* e, apenas por decorrência, *dos sujeitos*. Davidson - assim lemos seus trabalhos - advoga por um realismo que é *basicamente dos sujeitos*, isto é, externalizado.

O realismo cotidiano do sujeito precisa responder uma pergunta epistemológica – Como o sujeito pode ter conhecimento empírico do mundo? – e uma pergunta transcendental – Como os pensamentos do sujeito podem se dirigir

(intencionalidade) ao mundo? (McDOWELL, 1996, p.xiii [2005, p. 25]). A ausência de boas respostas para essas questões gera angústia.

McDowell examina a filosofia americana do seu tempo e constata exatamente isso: um quadro de angústia generalizada, que oriunda da ausência de respostas satisfatórias para as questões mencionadas no parágrafo anterior. Não é que não haja respostas. O caso é que elas não são boas, ele salienta.

Uma possível resposta é a do coerentista. Segundo McDowell, essa é a resposta de Davidson. E por que não é boa? Em uma frase: porque promove o exílio das experiências sensoriais, e isso é angustiante. Vejamos.

Para McDowell, a resposta coerentista vai longe demais ao abandonar o empirismo somente para não cair no Mito do Dado. E o coerentista faz isso porque é incapaz de enxergar que essa preocupação – de evitar que a verdade e o conhecimento terminem por depender de relações racionais com algo que não é conceitual – não implica necessariamente rejeitar o empirismo. Equivocadamente, o coerentista acha que o empirismo (tanto faz a articulação que lhe for dada) não pode ser outra coisa senão uma variante do Mito do Dado. Por conta disso – e aqui está a queixa de McDowell – o coerentista (leia-se: Davidson):

Nada faz para dar uma explicação para a plausibilidade do quadro empirista, segundo o qual só podemos dar sentido à orientação para o mundo, característica do pensamento empírico, concebendo este pensamento como responsável perante o mundo empírico no que diz respeito à sua correção; sendo que só podemos conceber a responsabilidade perante o mundo empírico enquanto mediada pela responsabilidade perante um tribunal da experiência, concebido em termos de impactos diretos do mundo sobre possuidores de capacidades perceptivas (McDOWELL, 1996, p. xvii [2005, p. 29-30]).

Nessa passagem, McDowell apresenta claramente a sua insatisfação com a proposta coerentista, que se apressa em excluir os dados sensoriais por conta de um ceticismo superficial. Ora, isso tem uma consequência grave: o pensamento passa a funcionar sem qualquer coerção externa (sem restrição vinda do mundo). Se esse é o caso, então "não podemos entender como exercícios da espontaneidade são capazes de representar o mundo" (McDOWELL, 1996, p. 17 [2005, p. 54]). Essa angústia precisa ser exorcizada.

Outra resposta que não é boa: aquela que admite dados sensoriais brutos (o mito do dado em alguma das suas variantes). Dados brutos, já mencionamos linhas acima, são dados não conceituais constringendo o pensamento. Essa proposta não é boa, porque atribui um papel exagerado para a experiência sensorial, a saber, participar do pensamento com uma força tal que pode anular a espontaneidade (no sentido kantiano). A consequência angustiante desse enquadramento é que o sujeito não poderá ser responsabilizado pelo seu pensamento empírico.

O que acontece ali é o resultado de uma força alienígena – o impacto causal do mundo operando sem o controle de nossa espontaneidade. Uma coisa, no entanto, é estarmos isentos de responsabilidade, em virtude de a posição em que nos encontramos poder ser reduzida, em última instância, à força bruta; coisa muito diferente é termos uma justificação. Na realidade, a ideia do Dado oferece-nos exculpações, no lugar das justificações que buscávamos (McDOWELL, 1996, p.08 [2005, p. 44]).

A angústia chega ao nível máximo quando se acredita que essas duas respostas são as únicas opções. Quer dizer: *ou* você se afasta do coerentismo e resvala no mito do dado, *ou* você se afasta do mito do dado e resvala para o coerentismo.

Temos aqui um exemplo de dualismo, isto é, de duas categorias que se opõem de modo exaustivo. A reflexão pragmatista de McDowell vai no sentido de desbancar esse dualismo, isto é, de mostrar que essa oposição é apenas aparentemente exaustiva. O dualismo é angustiante e precisa ser exorcizado, ele diz.

O tipo de exorcismo que McDowell oferece consiste em reconhecer que conceitos e intuições estão integrados em todo e qualquer ato ou processo cognitivo. Em tom kantiano ele diz: "Sugeri que, para escaparmos dessa oscilação [Coerentismo/Mito do Dado], precisamos encarar as próprias experiências como estados ou ocorrências que combinam receptividade e espontaneidade de modo inextricável" (McDOWELL, 1996, p. 24 [2005, p. 61]). Sob esse prisma, a percepção sensorial é necessariamente conceitual. Sendo conceituais, os episódios sensoriais pertencem ao que McDowell chama 'reino das razões' ou 'segunda natureza'. Essa é precisamente a tese que ele defende com vistas à dissolução da mencionada oposição. Aqui está uma formulação completa dessa posição:

A ideia original kantiana é que o conhecimento empírico resulta de uma cooperação entre receptividade e espontaneidade. (Aqui, a palavra 'espontaneidade' pode ser tomada como um simples rótulo para o envolvimento de capacidades conceituais.) Podemos descer da gangorra caso consigamos nos agarrar firmemente a esta ideia: a contribuição da receptividade para esse trabalho conjunto não é separável nem mesmo em pensamento. As capacidades conceituais relevantes são exercidas *na* receptividade. [...] Elas não se exercem *sobre* uma entrega de 'intuição' – o ingresso de experiências – não como a mera obtenção de um Dado extraconceitual, mas como um tipo de ocorrência ou estado que já possui conteúdo conceitual. Na experiência, percebemos (por exemplo, vemos) *que as coisas são de tal e tal modo*. Esta é o tipo da coisa que também podemos, por exemplo, julgar (McDOWELL, 1996, p. 09 [2005, p. 45], grifos do autor).

Queremos chamar a atenção para três coisas que se confirmam nessa passagem: (i) o autor dissolve um dualismo mostrando que a distinção não é exaustiva; (ii) a noção-chave para compreender esse exorcismo é o papel das experiências sensoriais. No vocabulário resgatado de Kant: a receptividade, embora passiva, é conceitual; a receptividade não "entrega" dados brutos (não conceituais) e, graças a isso, a angústia emergente do mito do dado é mantida sob controle; (iii) o autor alcança um realismo cotidiano sem angústias, suficiente para que a conversação sobre o mundo continue.

3 Davidson: um realismo sem dogmas

Tal como McDowell, Davidson considera que a relação mente-mundo precisa ser "colocada em pratos limpos". Não é um trabalho simples este de identificar mitos e dogmas instalados no subterrâneo do nosso entendimento.

Nos "pratos limpos" de Davidson, o pensamento não é algo composto de um lado por conceitos e de outro por elementos empíricos. Para o autor, essa é uma

herança moderna nefasta que devemos tentar abandonar. Notamos aqui o movimento inverso ao de McDowell que, como vimos, recupera justamente esse ponto do legado kantiano.

A reflexão de Davidson também segue o roteiro de (i) identificar um dualismo; (ii) procurar dissolvê-lo e, finalmente, (iii) sugerir um realismo cotidiano. "Ao abandonar o dualismo esquema e mundo, nós não abandonamos o mundo, mas reestabelecemos contato imediato com os objetos familiares cujas travessuras fazem nossas sentenças verdadeiras ou falsas" (DAVIDSON, 2001, p. 198 – tradução livre).

O dualismo Esquema-Conteúdo (doravante E-C), também conhecido como 'terceiro dogma do empirismo', sustenta que o pensamento compõe-se de conceitos e de elementos empíricos. O quadro geral é aproximadamente o seguinte: de um lado está a nossa rede de conceitos, ou esquema conceitual (daí o termo 'esquema'); do outro lado está o mundo, tudo o que não é linguagem (daí o termo 'conteúdo' ou 'conteúdo empírico'). Segundo essa visão, o pensamento sobre o mundo tem uma forma - justamente o esquema conceitual - e um conteúdo - as experiências sensoriais. Em uma formulação bem conhecida: organizamos as experiências enquadrando-as nos nossos esquemas conceituais. Ou, na colocação elegante de Davidson, esquemas conceituais "são pontos de vista a partir dos quais indivíduos, culturas ou períodos, examinam a cena que passa" (DAVIDSON, 2001, p. 183 – tradução livre).

O dualismo E-C tem ares de óbvio, o que pode ocasionar sua aceitação sem a devida avaliação. Ao endossá-lo, somos levados a algo conhecido como 'relativismo conceitual': isso que chamamos 'mundo' passa a ser relativo ao conjunto de conceitos mediante os quais lhe damos sentido. Ao invés de transparente, por assim dizer, a relação mente-mundo se mostra opaca. Dessa opacidade segue que podem haver visões de mundo radicalmente diferentes, sem qualquer ponto em comum, incomensuráveis. Diante disso, Davidson anota que "o relativismo conceitual é uma doutrina inebriante e exótica, ou seria se nós pudéssemos dotá-la de um bom sentido" (2001, p. 183 – tradução livre).

O aspecto inebriante do relativismo conceitual, que se apoia no dualismo E-C, é precisamente aquele que impulsiona discursos sobre tolerância, fraternidade, diversidade etc. Essa empolgação tende a desaparecer quando se explicita o paradoxo: precisamos de um ponto comum para dar sentido à ideia de que existem distintos pontos de vista. Ao negar a existência de qualquer referência comum, necessária para estabelecer inteligivelmente as diferenças, o relativismo conceitual perde não apenas o charme, mas também a credibilidade.

Feito o diagnóstico, Davidson dedica-se à dissolução do dualismo E-C. Esse esforço reflexivo leva, assim acreditamos, a um realismo que é basicamente *dos sujeitos*, isto é, externalizado. Nos próximos parágrafos vamos recapitular alguns pontos dessa argumentação.

O dualismo E-C se revela problemático quando examinamos a noção de esquema conceitual enquanto tal. Seria 'esquema conceitual' equivalente à 'língua natural'? Como distinguir um esquema conceitual de outros? Pode uma mesma língua, como a portuguesa, conter vários esquemas conceituais? Podem duas línguas compartilhar um esquema conceitual? Davidson discute essas questões e chega à conclusão que a noção de esquema conceitual é inútil ou ininteligível, ainda

que "filósofos de diversas persuasões tenham propensão a falar em esquemas conceituais" (2001, p. 183 – tradução livre).

Considere 'possuir um esquema conceitual' e 'possuir uma linguagem'. Seriam o mesmo ou seriam dois sistemas que organizam a experiência? Se são o mesmo, por que distinguir? Se não são o mesmo, quem comanda quem? Se não são o mesmo, então o ser humano dispõe de *duas* estruturas organizadoras da realidade? Como elas operam uma em relação à outra?

Evidentemente, a ideia de esquema conceitual é inútil se endossarmos que possuir um esquema conceitual é equivalente a possuir uma linguagem. No entanto, parece que esse não é o caso, pois "falantes de linguagens diferentes podem partilhar um esquema conceitual desde que haja uma forma de traduzir uma linguagem para outra. Estudar os critérios de tradução é, portanto, uma maneira de se concentrar em critérios de identidade para esquemas conceituais" (DAVIDSON, 2001, p. 184 – tradução livre).

Vamos com calma nesse ponto. Parágrafos acima, dissemos que o relativismo conceitual sucumbe em um paradoxo ao negar a existência de uma referência compartilhada que sirva para estabelecer diferenças. Será que a traduzibilidade pode cumprir esse papel? Seria uma solução surpreendentemente simples: se certo esquema é traduzível para outro, então eles são idênticos; quando a tradução falha, conclui-se que eles são diferentes. Note que isso desloca toda a questão para o campo linguístico. O mobiliário do mundo, por assim dizer, é deixado em segundo plano. Embora animadora, essa linha de raciocínio não resolve a questão. Para confirmar isso, Davidson examina dois tipos de falhas: as parciais e as completas. É fácil perceber que o nó da questão está nas assim chamadas 'falhas completas de tradução', que precisam ser demonstradas para que o relativismo conceitual e o dualismo E-C recuperem algum respeito.

Vamos simular um caso para saber se falhas completas de tradução são possíveis. Considere que você, falante da língua portuguesa, encontra um falante de outra língua, digamos XYZ, sendo essas duas línguas não traduzíveis. Então o falante da língua XYZ emite certa sequência de sons que você nunca ouviu antes. Qual evidência você tem para afirmar que esse evento sonoro é uma atividade verbal?

- a) Entende-se que uma sequência de sons é uma atividade verbal quando vinculada a certa atitude proposicional (crença, desejo...) do emitente;
- b) Nem todas as sequências de sons emitidas por seres humanos são atividades verbais;
- c) Para identificar uma atividade verbal em outro indivíduo devemos ter condições de atribuir-lhe alguma atitude (crença, desejo...);
- d) Ter condições de atribuir certa atitude proposicional a alguém consiste, basicamente, em dispor de uma hipótese de interpretação da sequência de sons por ele emitida;
- e) Na ausência de uma hipótese de interpretação da sequência de sons, não podemos atestar que é uma atividade verbal. Quer dizer, aquele evento sonoro pode ter sido algo não intencional (no sentido filosófico dessa palavra).

Esquemáticamente, esse é o raciocínio de Davidson, que assim se expressa: "parece improvável que possamos inteligivelmente atribuir atitudes a um falante, a menos que possamos traduzir as suas palavras nas nossas. Não pode haver dúvida de que a relação entre ser capaz de traduzir a linguagem de alguém e ser capaz de

descrever as suas atitudes é muito próxima" (DAVIDSON, 2001, p. 186 – tradução livre).

Na linha de Davidson, considerar que algo é uma atividade verbal já é inserir essa atividade em um quadro maior, que vincula várias atitudes proposicionais (do intérprete e do interpretado) e situa essas atividades num mundo compartilhado. A traduzibilidade para a própria linguagem funciona como critério para estabelecer se algo é ou não uma atividade verbal. Se isso estiver correto, então falhas completas de tradução não fazem sentido, a não ser que o defensor destas explique o que levou em conta para assumir que dada sequência de sons é linguagem. O glamour do relativismo conceitual desaparece outra vez.

Alcançamos uma visão completa da gravidade dos problemas que circundam a noção de esquema conceitual quando examinamos a sua contraparte: a noção de conteúdo. O que seria tal 'conteúdo'? Davidson conjectura: "é essencial para essa ideia que haja algo neutro e comum situado fora de todos os esquemas" (DAVIDSON, 2001, p. 190 – tradução livre). E o que seria esse algo neutro, comum e externo? A resposta intuitiva diz que é o mundo físico. Isso resolve as coisas? Veja bem: se esse algo neutro, comum e externo – o dito 'conteúdo empírico' – é o mundo físico, então podemos tomar esse ponto neutro como referência para traduzir esquemas conceituais entre si. Se isso funciona, então confirmamos, mais uma vez, que a ideia de esquema conceitual é dispensável.

O dualismo E-C ganha uma sobrevida se dissermos que 'conteúdo empírico' não é equivalente de 'mundo físico', mas sim de 'experiências sensoriais'. Com esse movimento, ancoramos o dualismo em exame na subjetividade. Para Davidson, desdobrar as conexões entre Esquema-Conteúdo e Subjetivo-Objetivo é mais um capítulo de densas reflexões. Não aprofundaremos esse ponto aqui.

Esse movimento, de ancorar o dualismo E-C na subjetividade, serve para defender que as experiências sensoriais podem cumprir um papel na justificação das nossas crenças sobre o mundo. Davidson não aprova esse movimento, pois ele estabelece uma instância intermediária com função epistemológica. Segundo o autor, não convém fazer essa concessão para o ceticismo. A seguinte passagem retrata essa posição:

O empirismo, como outros ismos, podemos defini-lo como quisermos, mas eu considero que ele envolve não apenas a pálida alegação de que todo conhecimento do mundo vem por intermédio da agência dos sentidos, mas também a convicção de que esse fato é de primordial significado epistemológico. A ideia pálida meramente reconhece o óbvio papel causal dos sentidos na mediação entre objetos e eventos no mundo, e os nossos pensamentos e nossa fala sobre eles; o empirismo localiza a evidência definitiva para esses pensamentos nessa etapa intermediária (DAVIDSON, 2005, p. 48 – tradução livre).

Sob o prisma davidsoniano, os sentidos cumprem tão somente um papel causal ao mediar entre objetos e eventos no mundo (de um lado) e nossos pensamentos e declarações sobre esses objetos e eventos (de outro lado). Às entradas sensoriais, Davidson não confere papel epistemológico. Quer dizer, elas causam mas não funcionam para justificar nosso pensamento sobre o mundo. Ao negar o papel epistemológico, Davidson espera ganhar terreno nos embates com o ceticismo.

A dissolução do dualismo E-C integra um quadro maior, que aqui estamos nomeando 'realismo cotidiano sem dogmas e mitos'. Na medida em que os dogmas e os mitos vão sendo dissolvidos, a relação mente-mundo vai ficando transparente e direta. Davidson assume essa diretriz mediante reflexões sobre a natureza eminentemente pública da linguagem e sobre a compreensão linguística.

Sob o prisma de Davidson, é importante levar em conta como nós aprendemos a língua. Esse acontecimento, que normalmente tem lugar na infância, pode ser resumido assim: o aprendiz vai interagindo com outros falantes e com um mundo comum (objetos, eventos...). O que exatamente ele aprende? Aprende regras de como usar palavras, isto é, de como conectá-las com objetos ou eventos.

A título de exemplo, considere a palavra 'carvão'. Você e eu aprendemos, em determinado momento das nossas vidas, como usar essa palavra. Podemos não lembrar da ocasião, mas essa aprendizagem teve a participação de outro falante e de um "pedaço" do mundo. Na ocorrência primitiva, houve uma espécie de batismo, que haverá de repercutir nos usos futuros do termo (cf. DAVIDSON, 2001, p. 18).

As regras de uso da palavra 'carvão' são públicas e, uma vez aprendidas, nos habilitam a descobrir o que outras pessoas pensam. Basicamente fazemos isso escutando o que elas dizem e observando o "pedaço" do mundo que elas observam. Ocorre o que Davidson chama triangulação: o outro, um aspecto do mundo e eu, no papel de intérprete das declarações do outro.

Meu amigo olha para a churrasqueira e diz "Falta carvão". Eu, que estou ao lado e vejo a mesma cena, interpreto que ele acredita que devemos colocar mais carvão na churrasqueira. Ora, temos um saco de carvão logo ali ao lado. Por isso, nesse contexto, "Falta carvão" não significa que estamos sem carvão, mas que convém colocar mais carvão nas brasas. Desconheço as circunstâncias nas quais meu amigo aprendeu a palavra 'carvão' e isso não me impede de interpretá-lo, isto é, atribuir-lhe tal e tal estado mental em tal e tal contexto. Consigo fazer isso graças à comunicação linguística, pois esta permite individuar uma atitude proposicional como *Ele acredita que devemos colocar mais carvão na churrasqueira* e justificá-la em uma extensa rede de crenças e desejos relacionados, tais como *Carvão aceso produz calor; Calor faz a carne assar; Queremos que a carne fique bem assada e assim por diante.*

Entendemos que esse exemplo retrata o realismo que Davidson defende. Trata-se, já dissemos, de um realismo que é basicamente dos sujeitos. Objetivar aspectos do mundo requer triangulação e esta requer interpretação. Objetividade é um produto da intersubjetividade.

4 O papel da experiência sensorial no pensamento

Qual é a participação do mundo nos nossos pensamentos sobre o mundo? Tanto Davidson quanto McDowell entendem que o pensamento conta com um componente sensorial. A discordância é relativa ao *papel* das experiências sensoriais.

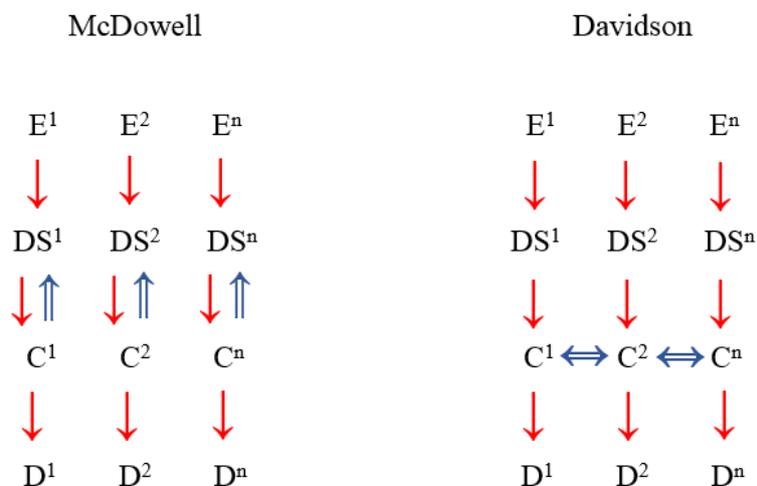
McDowell propõe conceitualizar as experiências sensoriais. O que isso quer dizer? Que uma experiência sensorial é, ao mesmo tempo, um exercício da nossa capacidade conceitual e dos nossos órgãos sensoriais. Assim e somente assim um evento não-linguístico pode *justificar* um evento linguístico. Compreendida dessa

maneira, a experiência sensorial está "dentro" do espaço lógico das razões... na fronteira, lá onde o pensamento "toca" o mundo.

Para McDowell, isso resolve os problemas. Talvez não seja bem assim. Se a minha percepção está sempre impregnada de conceitos, então como saber se estou lidando com informações confiáveis do mundo ou com informações contaminadas? Como faço para distinguir informação de *desinformação*? Esse é um bom ponto para um debate. Putnam, por exemplo, ajuíza que "McDowell não removeu o perigo de perder o mundo, mas, em vez disso, o estendeu à própria percepção" (PUTNAM, 1995, p. 67 – tradução livre).

Davidson não conceitualiza as experiências sensoriais. Para ele, uma experiência sensorial é um evento não-linguístico que cumpre tão somente um papel causal. Os seres humanos têm experiências sensoriais o tempo todo; o mais sensato, com vistas a um realismo cotidiano sem dogmas e mitos, é considerá-las como causas de crenças ou outras atitudes proposicionais. A experiência sensorial, assim compreendida, está "fora" do espaço lógico das razões... na fronteira, lá onde o mundo "toca" o pensamento.

A divergência entre McDowell e Davidson quanto ao papel da experiência sensorial pode ser visualizada no quadro apresentado a seguir, que adaptamos de Caorsi (2008, p. 63-64). Considere: E = evento no mundo; DS = dados sensoriais; C = crenças (ou outras atitudes proposicionais); D = declaração ou assentimento relativo ao mundo. A flecha simples, em cor vermelha, indica relação causal. Lê-se então que certo E *causa* certo DS, que *causa* certo C, que *causa* certo D.



McDowell e Davidson estão plenamente de acordo acerca das relações causais (as flechas vermelhas): eventos no mundo causam dados sensoriais, que causam crenças, que causam declarações sobre o mundo.

Agora observe as flechas azuis, com traço duplo. Elas indicam a relação de justificação. Segundo McDowell, C encontra justificação em DS. Para Davidson, C não encontra justificação em DS, mas somente em outros C. Essa é a divergência. Ela é eminentemente epistemológica, uma vez que justificação é uma espécie de autorização para crer que algo é o caso.

Dissemos que McDowell propõe um realismo que é basicamente do sujeito. Trata-se de um modelo que, muitos já disseram, tende ao isolamento do sujeito (*eu justifico as minhas crenças nas minhas experiências sensoriais, que são acessíveis apenas a mim*). Davidson advoga por um realismo que é basicamente dos sujeitos. Em lugar das justificações internas, esse modelo aposta na comunicação intersubjetiva para objetivar eventos do mundo.

Conclusão

Neste trabalho, desenvolvemos uma interpretação da argumentação de dois renomados pensadores, John McDowell e Donald Davidson, acerca da relação da mente humana com o mundo. Entendemos que os esforços filosóficos de ambos estão sintonizados com a tradição pragmatista, uma vez que se dedicam à dissolução de dualismos e à defesa do realismo cotidiano.

McDowell concentra-se no dualismo Coerentismo/Mito do Dado. Para dissolvê-lo, ele defende a conceitualização das experiências sensoriais. Nelas, ele argumenta, a receptividade e a espontaneidade se combinam de modo indestrinçável. No espírito dessa solução, uma ocorrência sensorial serve para justificar uma crença e, no espaço lógico das razões, uma declaração sobre o mundo. Com essa providência, McDowell espera controlar a angústia (epistemológica e transcendental) que de outro modo assolaria as atividades que têm lugar no reino do pensamento.

Davidson concentra-se no dualismo Esquema Conceitual/Conteúdo Empírico. Para ele, um escrutínio rigoroso mostra que essa distinção não passa de um dogma inebriante, ininteligível e inútil. Trata-se, pois, de abandoná-lo ativamente e assumir que o nosso contato com os eventos do mundo basicamente causal, isto é, ocorrências sensoriais causam crenças e declarações sobre o mundo, mas não funcionam como justificadores dessas mesmas crenças e declarações.

McDowell e Davidson concordam que o pensamento conta com um componente sensorial. A discordância é relativa à atribuição de um papel epistemológico às entradas sensoriais. Se elas cumprem esse papel, como quer McDowell, então a justificação da crença é uma atividade individual; do sujeito. Se elas não cumprem esse papel, como quer Davidson, então somos levados a entender a justificação como uma atividade essencialmente intersubjetiva; dos sujeitos em diálogo.

* * *

Referências

BERNSTEIN, Richard. The pragmatic century. In: Davaney, S. G.; Frisina, W. G. (Eds). **The pragmatic century: conversations with Richard J. Bernstein**. Albany: State University of New York Press, 2006.

CAORSI, Carlos. **Lenguaje, acción e interpretación: una exposición crítica de la filosofía de Davidson**. Montevideo: Universidad de la Republica, 2008.

DAVIDSON, Donald. Meaning, truth and evidence. In: _____. **Truth, language and history**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

DAVIDSON, Donald. On the very idea of a conceptual scheme. In: _____. **Inquiries into truth and interpretation**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

McDOWELL, John. **Mind and world**: with a new introduction. Cambridge: Harvard University Press, 1996. [*Mente e mundo*. Trad. de João Vergílio Gallerani Cuter. Aparecida: Idéias&Letras, 2005.]

MISAK, Cheryl. Donald Davidson's place in the history of pragmatism. In: **Cognitio**: revista de filosofia, São Paulo, v. 13, n. 2, 2012.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. C. Hartshorne e P. Weiss (Eds.) v.1-6 e A. W. Burks (Ed.) v. 7-8. Cambridge: Massachusetts, Harvard University Press, 1931-1958. (aqui referido como C.P, seguido do número do volume e do número do parágrafo).

PUTNAM, Hilary. **Pragmatism**: an open question. Oxford: Blackwell, 1995.

ROBINSON, Howard. Dualism. In: ZALTA, E. (Ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Winter 2012 Edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2012/entries/dualism/>>. Acesso em: jan. 2015

RORTY, Richard. Davidson, pragmatism and truth. In: _____. **Objectivity, relativism and truth**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.